



### 3. Economia e desenvolvimento (secção 3.1.)

#### 3.1. Crescimento e atraso económico

3.1.1. Portugal no contexto europeu e ibérico de longa duração.

Convergência e divergência, abertura e confinamento.

3.1.2. As teorias do atraso estrutural: endogenia e exogenia dos factores.

3.1.3. As teorias económicas do atraso estrutural: da escassez de recursos à limitação dos mercados.

3.1.4. As teorias sociológicas do atraso estrutural: dualismo e abordagens das relações centro – periferia.



# FORMAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

DOCENTES: Prof. Doutor David Justino e Drª Susana Batista

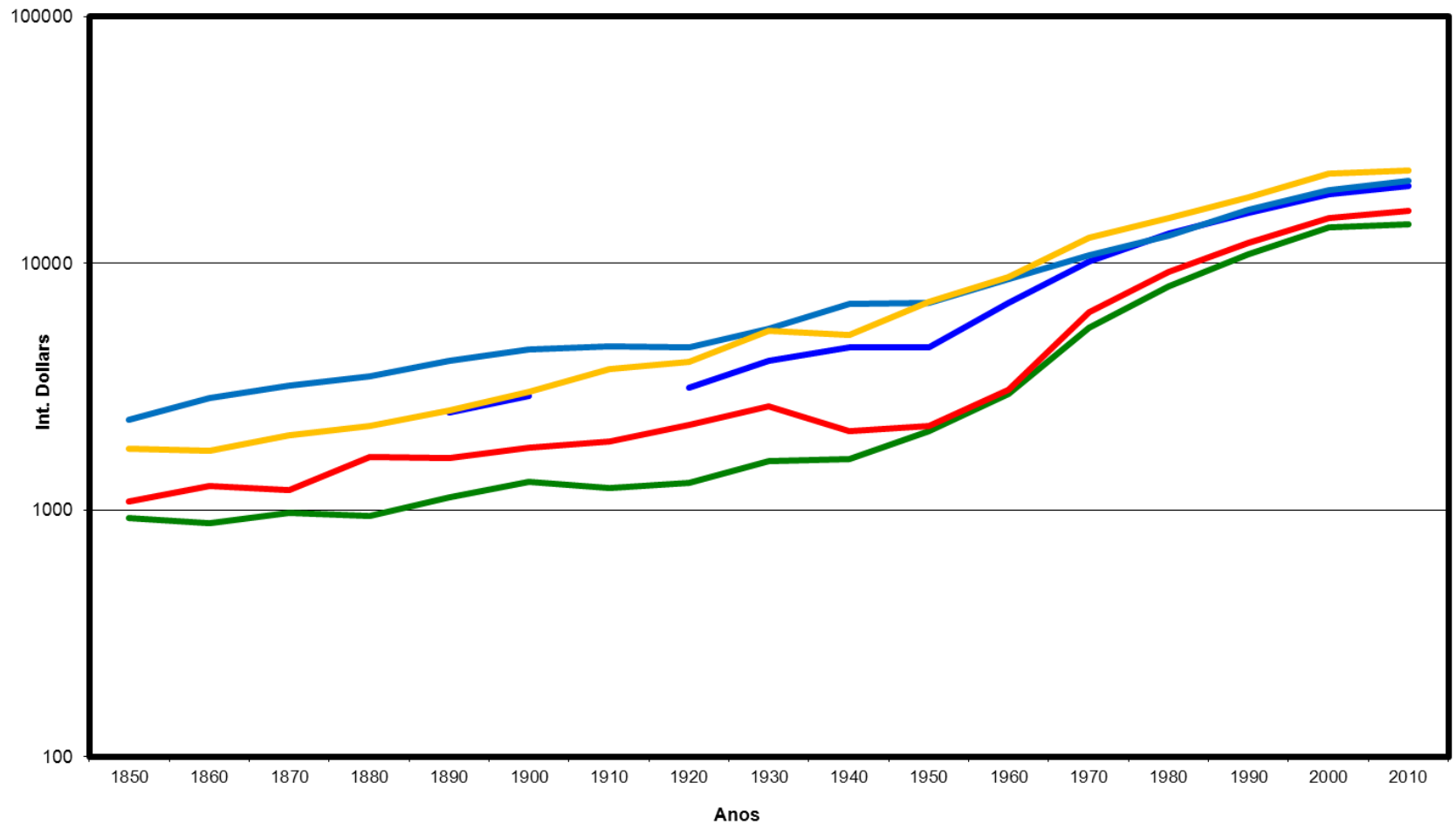
Ano Lectivo de 2011-2012

2º Semestre

SOCIOLOGIA

## PIB/hab: Portugal, Espanha, Europa Ocidental

Portugal Espanha 29EuOc Reino Unido Dinamarca





# FORMAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

DOCENTES: Prof. Doutor David Justino e Drª Susana Batista

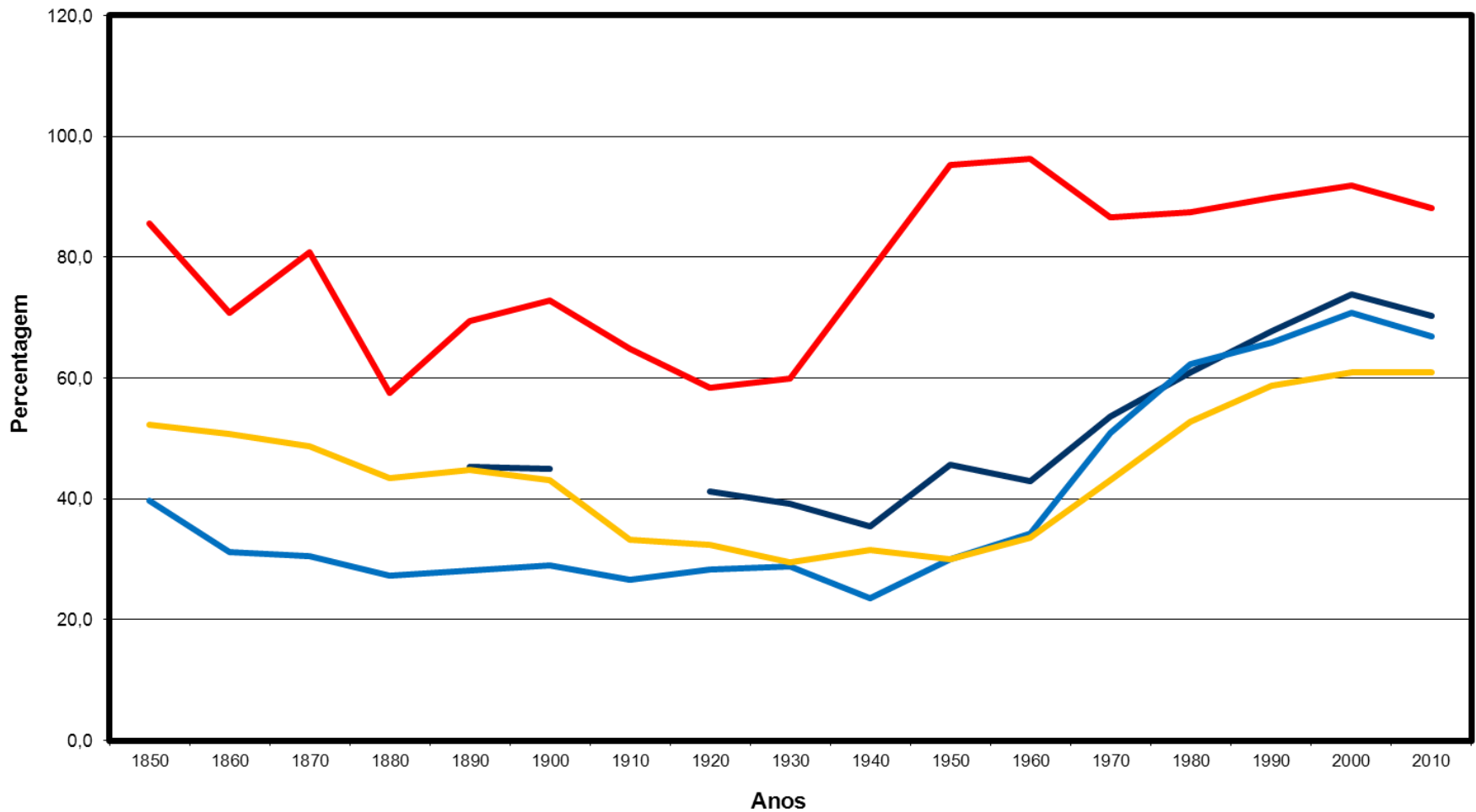
Ano Lectivo de 2011-2012

2º Semestre

SOCIOLOGIA

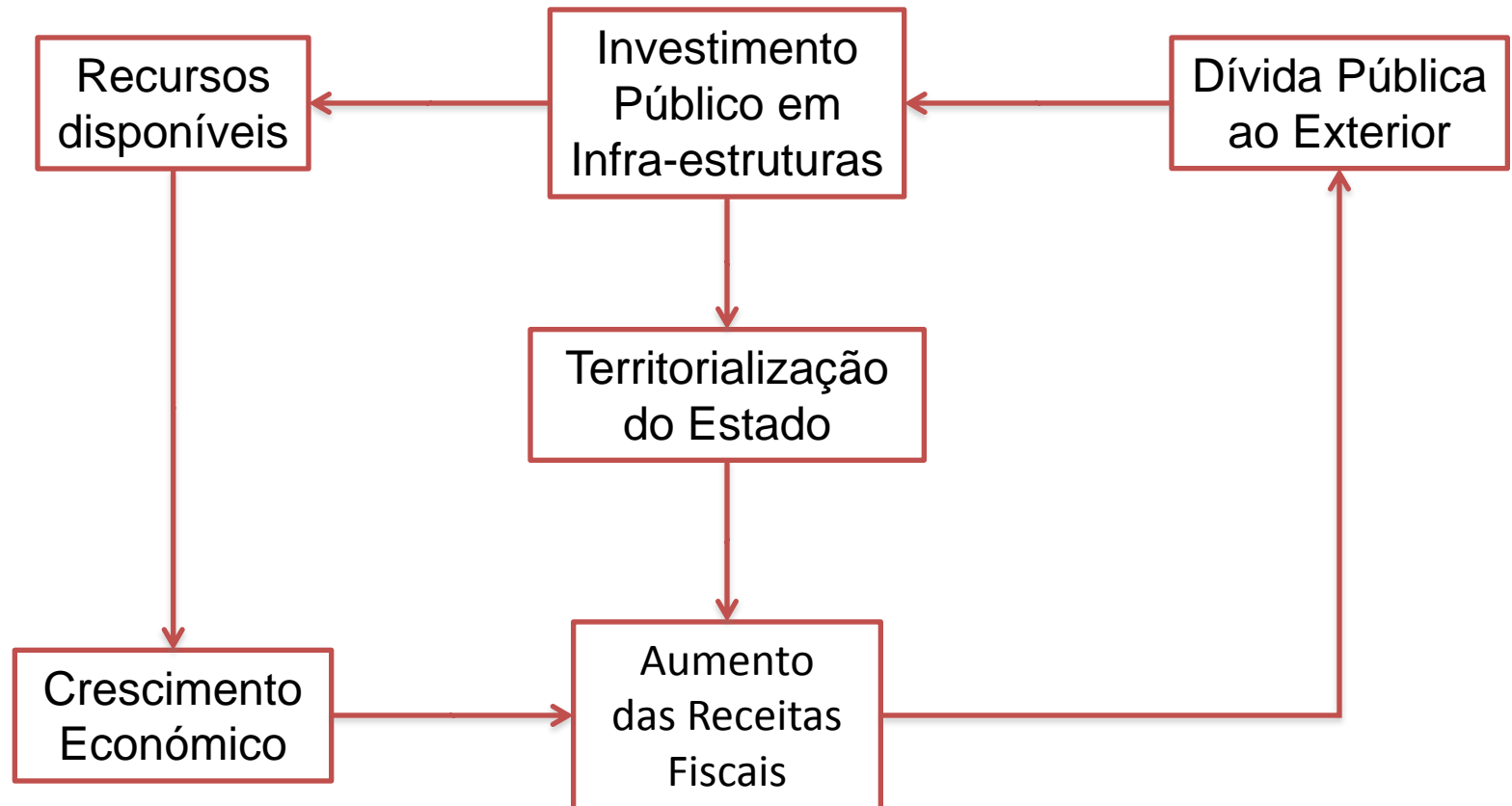
## PIB/hab: dimensão relativa, Portugal, Espanha, Europa Ocidental

— Prt/Spn — PRT/EU29 — PRT/UK — PRT/DN





### O modelo de desenvolvimento do fontismo





# FORMAÇÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

DOCENTES: Prof. Doutor David Justino e Drª Susana Batista

Ano Lectivo de 2011-2012

2º Semestre

SOCIOLOGIA

*É de uma grande monotonia a nossa história financeira. Nas suas linhas gerais cifra-se em gastar mais do que se tem, fazer deficit e pagar mais tarde com empréstimos. Tal é o seu lacónico sumário.*

*(...)*

*Causas de ordem económica, e causas de ordem política, explicam esta desagradável situação. As guerras, as aventuras marítimas, o estímulo das grandezas alheias, a paixão do fomento, o progressivo alargamento da acção do Estado, a diminuição do poder comprador da moeda, foram causas económicas de aumento das despesas, e da conseqüente acumulação de dívida. Acrescentem-se as causas de ordem política, como são as tendências a considerar coisa alheia o dinheiro do Estado - como se o Estado não fôssemos nós todos - e a geral ambição de melhorar as condições de vida, tão própria do nosso país como de outros, sem distinção de território, de clima, de população ou de forma de governo, e está explicada a persistência do deficit orçamental, e a grandeza da nossa dívida pública.*

*(...)*

*Não é Portugal, na estreiteza do seu território europeu, menos difícil de governar do que outras nações de maior quinhão na carta do mundo, sendo deveras complicado o seu organismo nacional. Na sua composição entraram tão variados e opostos elementos, sem nenhum preponderante a dominá-los e a dirigi-los, que logo desde o seu princípio lhe faltaram a coesão e a unidade, que o absolutismo lhe emprestava, mas que nunca veio propriamente a adquirir, e portanto o espírito de associação e solidariedade, que são as suas conseqüências. Da falta destas qualidades, indispensáveis para que uma nação seja um todo bem composto, resultou uma anarquia mansa, que neste meio de impulsivos meridionais se manifesta muitas vezes pela indisciplina em baixo, e pela desunião em cima.*

*Anselmo de Andrade, Relatório e Propostas de Fazenda, 1911.*



As teorias do atraso estrutural: endogenia e exogenia dos factores

*Miriam Halpern Pereira*

*“... a partir do final do século XVII, Portugal torna-se um país simultaneamente colonialista e dependente. Não é no excessivo desenvolvimento do capitalismo mercantil, mas sobretudo na incidência sobre o processo produtivo da articulação entre colonialismo e dependência externa e a consequente expatriação de parte do capital acumulado, que há que procurar as origens do «subdesenvolvimento» de Portugal.*

*Numa primeira fase, que abarca os séculos XVII e XVIII, principia a inserção de Portugal na área de influência inglesa. Durante esse período, caracterizado por um imperialismo mercantilista, a Grã-Bretanha, através do controlo das relações comerciais de Portugal com a Europa, participa nos benefícios coloniais portugueses e igualmente nos benefícios resultantes da exportação dos produtos agrícolas portugueses.*



As teorias do atraso estrutural: endogenia e exogenia dos factores

*Miriam Halpern Pereira*

*“Na segunda metade do século xviii verifica-se uma nítida recuperação da independência económica de Portugal e o fortalecimento de uma burguesia industrial, comercial e talvez também agrária, continuando o Brasil a desempenhar um papel fundamental como mercado para os produtos industriais e agrícolas portugueses e como fornecedor de matérias-primas e produtos exóticos.*

*No início do século xix, as novas condições técnicas de competição, modificando a base tecnológica do imperialismo mercantilista, vão afectar profundamente a economia portuguesa e provocar a desagregação do Império Luso-Brasileiro, para o que contribui a desarticulação do aparelho de Estado nacional. É então que vai estruturar-se uma nova forma de dependência, que abrange o conjunto da economia portuguesa. Desprovida de um mercado colonial, a burguesia portuguesa vai encontrar-se inteiramente dependente da Grã-Bretanha para o escoamento da produção.*





As teorias do atraso estrutural: endogenia e exogenia dos factores

*Miriam Halpern Pereira*

*“A política de livre-câmbio, conveniente para a burguesia inglesa, encontra uma base social de apoio em sectores da burguesia agrária e industrial, além do consenso natural da burguesia ligada ao comércio de import-export, de que fazia parte um corpo comercial britânico muito importante. Esta orientação, que, ensaiada já anteriormente, vence em meados do século, conduz a uma profunda desarticulação da economia portuguesa. Uma agricultura dirigida para a exportação, conjugada com uma forte importação de produtos industriais, quebra o desenvolvimento sincrónico dos dois principais sectores produtivos, prejudicando*

*Ambos. À desindustrialização segue-se uma forte crise da própria agricultura, quando falham os mercados externos.”*

*Miriam Halpern Pereira, «Decadência» ou subdesenvolvimento: uma reinterpretação das suas origens no caso português, Análise Social, vol. XIV (53), 1978-1.º, 7-20*